

A INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL: AS CONVERSAS INTERPRETATIVAS EM ANÁLISE

Ana Linhares

anailinhares@gmail.com

Ivânia Monteiro¹

Município de Pombal/ Explore Sicó

Ivaniamonteiro62@gmail.com

Maria do Rosário Castiço de Campos²

Politécnico de Coimbra-Escola Superior de Educação, Portugal

rcampos@esec.pt

RESUMO:

Partindo-se da apresentação de três Conversas interpretativas ocorridas num Curso de Formação promovido pela Interpret Europe, que teve lugar em Conímbriga, o presente trabalho procura evidenciar a relevância da interpretação enquanto ferramenta de comunicação estratégica, que se apresenta como uma mais-valia no âmbito da formação de um animador sociocultural.

Evidenciar histórias e significados não evidentes, proporcionar experiências memoráveis e o espírito crítico e reflexivo, são objetivos subjacentes à interpretação do património.

Através da interpretação do património procura-se aproximar o público do património natural e cultural, tangível e intangível, evidenciar histórias e significados não evidentes, proporcionando experiências memoráveis.

¹ Município de Pombal | Explore Sicó.

² Politécnico de Coimbra-Escola Superior de Educação, Portugal. Investigador colaborador do Centro de Investigação Desenvolvimento e Inovação em Turismo (CITUR - IPC) e do Centro de História da Sociedade e da Cultura (FL-UC).
Orcid: 0000-0003-0496-079X

PALAVRAS-CHAVE:

interpretação do património, Conversas Interpretativas, *Interpret Europe*, *Freeman Tilden*.

ABSTRACT:

Based on the presentation of three Interpretative Conversations that took place during a training course promoted by Interpret Europe, held in Conímbriga, this paper seeks to highlight the relevance of interpretation as a strategic communication tool, which is an added value in the training of a socio-cultural animator.

Highlighting stories and meanings that are not immediately obvious, providing memorable experiences and fostering a critical and reflective spirit are the underlying objectives of heritage interpretation.

Heritage interpretation seeks to bring the public closer to natural and cultural heritage, both tangible and intangible, highlighting stories and meanings that are not immediately obvious and providing memorable experiences.

KEYWORDS:

Heritage, interpretation, Interpretive Conversations, Interpret Europe, Freeman Tilden.

Introdução

As conversas interpretativas a que nos reportamos foram concebidas no âmbito do Curso de Formação em Interpretação do Património para Visitas Guiadas promovido pela *Interpret Europe – European Association for Heritage Interpretation*, justificando-se a referência a esta entidade, em função do trabalho que a mesma tem desenvolvido, de forma pioneira, na Europa.

A interpretação do património supõe provocação e trabalha em função da transformação de comportamentos e atitudes. É uma ferramenta de comunicação que contribui para promover o espírito crítico e reflexivo, estando especialmente atenta às questões críticas e ameaçadoras das sociedades democráticas (Interpret Europe, 2020).

Conscientes do potencial e do relativo desconhecimento da Interpretação enquanto ferramenta de comunicação estratégica, o presente trabalho apresenta-se como um contributo para a sua oportuna disseminação e uma mais-valia no âmbito de projetos de animação do património.

A *Interpret Europe* e a formação em interpretação do património

A *Interpret Europe* - *European Association for Heritage Interpretation* é uma associação que promove na Europa a formação no âmbito da interpretação do património. Pauta a sua atuação pelo lançamento de diferentes plataformas formativas, mais ou menos formais, ministrando cursos/formações, organizando atividades de comunicação, promovendo fóruns de desenvolvimento e partilha de trabalhos de investigação, alimentando diferentes projetos e eventos internacionais.

A *Interpret Europe* registada na Alemanha, constituiu-se como Associação em 2010 e encontra-se representada em diferentes países.

“Interpret Europe’s quality criteria will have established a common understanding of good practice in interpretation that combines creativity with technical skill” (Interpret Europe, 2023).

Promover a interpretação do património “it is not filling visitors with facts – it is designed to help them come to an understanding of what have been called ‘hidden truths’. The aims of interpretation can be summarised as to relate (to visitors), to reveal (new understanding) and to provoke (thought and enquiry)” (Interpret Europe, 2016, p. 4).

Correntemente, a *Interpret Europe* procura formar profissionais de diferentes origens académicas. Partindo do princípio de que não existe interpretação sem informação, assume-se que os interlocutores dessa informação, independentemente da sua formação de base, podem ser possíveis facilitadores no processo de interpretação. Podemos, por isso, encarar a interpretação enquanto “uma tradução”, pois com ela podemos todos falar a mesma língua.

Promovendo atividades de Comunicação, Formação, Investigação, Projetos e Eventos, a *Interpret Europe* proporciona, ao nível da formação, vários cursos entre os quais os de *Interpretação do Património para Visitas Guiadas*.

Com a duração mínima de 40 horas, este curso promove o conhecimento das características da interpretação do património como abordagem de aprendizagem não formal. Nesse sentido, a *Interpret Europe* faculta atividades que visam a compreensão dos pilares da interpretação e dos fundamentos históricos e teóricos em relação à interpretação do património.

O objetivo é que todos os que intervêm em espaços patrimoniais e que procuram colocar em destaque o património, natural ou cultural, adquiram competências no âmbito da interpretação do património as quais, devidamente avaliadas, são reconhecidas através da concessão do Certified Interpretive Guide (CIG).

A interpretação do património: princípios subjacentes

Desde a publicação da obra de Freeman Tilden, *Interpreting Our Heritage* de 1957, resultante de um estudo desenvolvido no âmbito do serviço de Parques Naturais nos Estados Unidos da América (Ludwig, 2015), a interpretação do património esteve associada a espaços naturais.

Foi, com efeito, Tilden (1977) quem definiu, pela primeira vez, a interpretação do património e estabeleceu os seus princípios. Posteriormente, vários estudiosos aprofundaram a temática, entre os quais Sam Ham (1992) que, com a publicação da obra *Environmental interpretation: A practical guide for people with big ideas and small budgets*, evidenciou que a interpretação se tem de basear num método específico (Campos, 2025).

Através da interpretação do património procura-se aproximar o público do património natural e cultural, tangível e intangível, evidenciar histórias e significados não evidentes, proporcionando experiências memoráveis.

O intérprete deve ter um conhecimento aprofundado do próprio recurso, da sua história, deve saber contextualizá-lo, mas tem de ser também capaz de identificar significados que lhe estão associados. Nesse sentido, o objetivo da interpretação vai para além da transmissão de conhecimentos, implica a valorização do recurso, provocando o visitante e promovendo a desejável mudança de atitudes e comportamentos.

Como afirmam Murta & Goodey (2005, p. 14), “interpretar é revelar significados, é provocar emoções, é estimular a curiosidade, é entreter e inspirar novas atitudes no visitante, é proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade”.

Podendo ter subjacente objetivos no âmbito do conhecimento, da emotividade ou do comportamento, a interpretação faculta vias que tornam compreensível o património e o contexto em que o mesmo se integra.

Aplicando-se os princípios definidos por Tilden (1977), quando se promove a interpretação do património natural ou cultural, deve-se procurar provocar o interlocutor; revelar significados; relacionar o que se descreve e a personalidade do visitante; estabelecer a relação com a pessoa numa perspetiva holística; considerar a interpretação uma arte; tornar acessível a interpretação a públicos diversos, o que implica organizar programas diferenciados em função do público. De referir que Tilden chama a atenção que a interpretação dirigida a crianças implica uma abordagem específica.

Aplicando-se os princípios definidos por Freeman Tilden, a interpretação do património procura, na sua génese, proporcionar uma experiência interpretativa memorável, suscitando mudanças de comportamentos e atitudes no visitante, isto é, sendo transformadora na verdadeira aceção da palavra.

O valor da interpretação reside no facto de ser, em si mesma, uma ferramenta preparada para atingir os visitantes, as comunidades, mas também os outros agentes do território, incluindo os políticos e os agentes económicos. A interpretação é não só uma passagem de conhecimento (que estimula o intelecto), mas é uma ferramenta que estimula as nossas emoções, preconizando uma harmonia entre estes dois mundos, permitindo a existência de ressonância dentro de cada portador. O objetivo final da interpretação é que, através do intelecto e das emoções (e das suas transferências), as pessoas consigam mudar/ajustar o seu comportamento.

Devendo ser temática, organizada, relevante e agradável (Ham, 2007) as situações de interpretação do património podem revestir o formato de *Conversa interpretativa*, *Visita interpretada* e *Interpretação itinerante*. Em todas as situações, o objetivo é levar o participante/visitante, a pensar,

a refletir sobre o património, a passar dos factos aos significados, desmontar ideias preconcebidas, promover atitudes e comportamentos sustentáveis e valorizar o património.

Conversas interpretativas no âmbito da interpretação do património: alguns exemplos

Como já referimos, as situações de interpretação do património podem revestir o formato de *Conversa interpretativa*, de *Visita interpretada* e de *Interpretação itinerante*.

A *Conversa interpretativa* ocorre num único local, tratando apenas um *fenómeno*, ou seja, algo que implique contacto sensorial e de onde partimos para fazer a interpretação – o recurso a interpretar. A partir do fenómeno definimos um *tema*, sendo este expresso numa frase que deve incluir, pelo menos, um conceito universal, isto é um conceito que implica valores e preocupações comuns a um número significativo de pessoas.

A *Visita interpretativa* liga vários fenómenos, tendo um tema principal e, para cada fenómeno, um tema. Segue uma linha temática.

A *Interpretação itinerante* tem vários fenómenos/temas potenciais e permite uma escolha pelos participantes. Evolui sob um tema principal através de um círculo temático.

Subjacente à estruturação de cada um destes formatos, encontramos associados diferentes parâmetros/conceitos-chave: *tópico*, *fenómeno*, *tema*, *facto*, *significados*, *pontes de comunicação* e *objetos-ajuda*. A estruturação e elaboração consciente de cada um destes parâmetros induz a um resultado mais promissor no processo de comunicação entre o intérprete e o participante/visitante.

Com efeito, seja na *Conversa interpretativa*, a *Visita interpretativa* ou a *Interpretação itinerante*, o intérprete tem de introduzir no seu discurso interpretativo um *tópico*, ou seja, o assunto que identifica o fenómeno, bem como um *tema*, expresso numa frase curta com inclusão de, pelo menos, um valor universal, como já foi referido. Associado a este, deve identificar *factos* que podem ser verificados. Em relação ao tema, e indissociável do fenómeno, deve ainda apresentar *significados*, os quais têm como função promover no participante/visitante uma reação emocional (admiração, tristeza, curiosidade, por exemplo). Durante a dinâmica, o intérprete deverá procurar interpelar o participante/visitante através de *perguntas abertas*, que envolvam o participante.

Entre o facto e a pergunta aberta, o intérprete beneficia se introduzir *pontes de comunicação*, recorrendo a comparações, analogias, metáforas, citações, sentido figurado, por exemplo, podendo as mesmas revestir o formato de uma explicação ou de uma descrição.

O intérprete no seu trabalho de comunicação com o participante/visitante poderá fazer uso de *objetos-ajuda*, ou seja, adereços que apoiam a interpretação (Ludwig, 2015).

As três Conversas interpretativas que tomámos como referência neste estudo foram organizadas tendo como fenómenos o “Bandarra”, personagem histórica de Trancoso, um “Pente de piolhos da época romana” e uma “Rodilha”.

Em relação ao *fenómeno* “Bandarra” tomou-se como *tópico* as personagens da história de Trancoso/Portugal, enunciando-se o *tema* do seguinte modo: “O Sapateiro-poeta de Trancoso que marcou o país”.

Como *factos* evidenciaram-se os seguintes: Bandarra era um sapateiro e poeta do século XVI de Trancoso; Bandarra escreveu trovas controversas que foram proibidas pela Inquisição; ao Bandarra eram atribuídas capacidades de profetização: o “Nostradamus” português.

Como *significados* evidenciaram-se os seguintes: curiosidade em perceber que um sapateiro do sec. XVI, profissão associada a pessoas não instruídas, criou trovas; interesse no facto de as trovas e dizeres do Bandarra gerarem controvérsia e por isso serem alvo de processo da Inquisição e de leitura proibida; a capacidade do Bandarra deixar nas suas trovas pistas para o que se esperaria para Portugal e o seu papel no mundo: o sapateiro profeta.

Como *pontes de comunicação* foram utilizadas as seguintes: aparente contradição entre a profissão do Bandarra e a capacidade para ser poeta e profeta; o exemplo do burburinho que as trovas, encaradas muitas vezes como profecias, geraram na sua época e mais além, ao ponto de constarem da lista de leituras proibidas pela Inquisição; sentido figurado ao referir Bandarra como o “Nostradamus” português, dada a capacidade das suas trovas preverem o futuro para Portugal.

Em relação a *perguntas abertas* formuladas, apresentaram-se as seguintes: (foi criado um cenário com umas botas e um pequeno cartaz com a frase “Ou a Terra subiu ou o Céu desceu”):

Conseguem relacionar esta frase com as botas? Alguém conhece a história por detrás desta frase?

Conhecem alguma das profecias do Bandarra?

Como *objetos-ajuda* apresentaram-se: o cartaz com a frase “Ou a Terra subiu ou o Céu desceu”; um par de botas; cheiro a graxa de sapatos.

Relativamente à Conversa interpretativa que apresentou como *fenómeno* um “Pente de piolhos de época romana” e como *tópico* a higiene, a mesma foi organizada em função do seguinte *tema*: “Piolhos: uma herança romana inesperada que de insignificante só tem o tamanho”.

Como *factos* evidenciaram-se os seguintes: o piolho existe na vida do ser Humano há 170 mil anos, sendo um importante vetor de transmissão de doenças mundiais como o tifo ou a febre da trincheira; o piolho foi uma herança da expansão do Império Romano que colocou em causa a preocupação com a higiene; o piolho é “democrático” e a sua erradicação é muito difícil.

Como *significados* apresentaram-se os seguintes: a repugnância pelo bicho; o papel determinante do ser Humano na disseminação do piolho (o piolho era uma praga exclusiva dos animais e foi domesticada pelo ser Humano quando foram criadas as primeiras roupas a partir de peles desses animais); a contradição (conhecidos pela sua fixação por hábitos e cuidados de higiene, os romanos pelos seus comportamentos foram, sem querer, disseminadores de várias espécies de parasitas no seu Império); impotência - sendo o piolho um “ser democrático” (só transmitido por contacto interpessoal) ninguém está imune a poder ser seu portador; finitude do ser Humano (não existindo uma ação concertada a nível mundial, a forma mais segura para a erradicação total do piolho passaria pela extinção do ser Humano).

As *pontes de comunicação* foram organizadas recorrendo-se à comparação (entre um pente de piolhos atual e o de época romana), à citação (leitura de uma passagem bíblica referente às pragas de Deus para que o povo de Israel fosse libertado do Egito); ao exemplo (de propagação de parasitas – informação de que a distribuição do *garum*, molho de peixe usado como condimento na época romana, foi decisiva para a proliferação das ténias no mundo; recolha de fezes e adubo imediato dos terrenos agrícolas foi determinante para as infestações regulares; a utilização de termas e piscinas públicas, com troca de água esporádica, eram propícias à proliferação de ovos de

parasitas e à sua propagação) e à mudança de perspetiva (colocar o visitante na perspetiva de quem utilizava aquele pente).

Em relação a *perguntas abertas*, apresentaram-se as seguintes: Já alguém teve piolhos? Quando é que surgiram os primeiros piolhos no ser Humano? Quando vamos conseguir exterminar os piolhos à face da terra?

Como *objetos-ajuda* recorreu-se a um pente atual de piolhos e à Bíblia.

Em relação ao *fenómeno* “Rodilha”, foi tomado como *tópico* a água, enunciando-se o *tema* do seguinte modo: “Objetos com memórias a resgatar”.

Como *factos* evidenciaram-se os seguintes: serviam, no dia a dia, para suportar cargas de peso elevado na cabeça, normalmente, água; as rodilhas eram feitas de trapos; hoje, corre-se o risco de se perderem as memórias associadas às rodilhas.

Relativamente aos *significados* foi referido: atenuar o impacto direto de grandes cargas sobre a cabeça; transformar o trapo em objeto utilitário; preservar a memória e resgatar a tradição.

Em relação às *pontes de comunicação* afirmou-se, recorrendo-se à comparação: tirar a rodilha com o cântaro da cabeça era como atingir o céu (um cântaro levava cerca de 18 litros de água); as rodilhas eram como um isco (as mais elaboradas e com cores serviam para atrair os rapazes). Por sua vez, fazendo-se uso da metáfora foi referido: as tradições são as raízes de um povo.

Em relação a *perguntas abertas*, apresentaram-se as seguintes: Qual seria a quantidade de água que uma mulher conseguiria transportar à cabeça? Como se faz uma rodilha? Haverá apenas um tipo de rodilha? Para além de workshops, acessíveis *on-line*, e que ensinam como se fazem rodilhas, haverá outra via para resgatar memórias associadas a esse património?

Como *objetos-ajuda* apresentou-se, um cântaro de barro, trapos e um telemóvel.

Em todos os trabalhos associados às Conversas interpretativas analisadas, optou-se pela *formação do grupo* em meia-lua, em frente do fenómeno

Conclusão

Interpretar é, acima de tudo, provocar, encontrar relações relevantes e significativas entre o elemento patrimonial e o destinatário, é inspirar à mudança. Só mudamos se nos aproximarmos emocionalmente do património a ponto de encontrarmos nele, e através dele, significados profundos que ecoam

no intelecto e afetam o estado emocional. Por isso, interpretar é transformar o património em experiências significativas, é abordar o recurso intencionalmente e com objetivos claros.

A premissa referida induz à necessidade e oportunidade de cada um, qualquer que seja a sua formação, se instruir no processo de interpretação do património, seja ele cultural ou natural. Só assim parece ser possível assegurar que o intérprete consiga promover junto do público, livre para ignorar, estratégias suficientemente fortes para captar a sua atenção, provocar pensamentos, emoções e, sobretudo, ações.

Mais do que nunca, o visitante de qualquer património deve ser parte ativa no processo da visita, tornando-se a visita uma experiência marcante para si, um consumidor ávido, cada vez mais, de experiências singulares e únicas.

Referências bibliográficas

Ballart Hernández, J. B. & Juan i Tresseras, J. (2001). *Gestión del Patrimonio Cultural*. Ariel Patrimonio.

Campos, M.R.C. (2025). Heritage Interpretation's Contribution to Tourism, In E. R. Lopes e M. C. Figueira (Eds.). *Turismo Patrimonial Um olhar sobre o Espaço Lusófono* (pp. 94-103) Instituto Politécnico deTomar. <https://www.calameo.com/books/0079522826fda0c479d97>

Ham, S. H. (1992). *Environmental interpretation: A practical guide for people with big ideas and small budgets*. North America Press.

Ham, S. H. (2007). Puede la interpretación marcar la diferencia? Respuestas a cuatro preguntas de psicología cognitiva y del comportamiento. *Boletín de Interpretación*, número 17, pp- 10-16. <https://interpretaciondelpatrimonio.com/wp-content/uploads/2020/10/Bolet%C3%ADn-de-Interpretaci%C3%B3n-17.pdf>

Interpret Europe (2016) *Engaging your visitors: Guidelines for achieving excellence in heritage interpretation* Witzzenhausen. Interpret Europe.

Interpret Europe (2020). *Engaging citizens with Europe's cultural heritage. How to make best use of the interpretation approach*. Interpret Europe.

Interpret Europe (2023). *Our Vision*. <https://interpret-europe.net/about/our-vision/>

Ludwig, T. (2015). *The Interpretive Guide – Sharing Heritage with People*. Bildungwerk Interpretation. https://interpret-europe.net/wp-content/uploads/2021/06/the_interpretive_guide_2015_en.pdf

Murta, S. M. & Goodey, B. (2005). “Interpretação do Patrimônio para visitantes. Um quadro conceitual”. In Stela Maria Murta, Celina Albano (org.). *Interpretar o patrimônio, um exercício do olhar*, UFMG, pp.13-46.

Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage*. The University of North Carolina Press.

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Linhares, A., Monteiro, I., Castiço de Campos, M. do Rosario. (2026), A interpretação do patrimonio natural e cultural: as conversas interpretativas em análise. En: <http://quadersanimacio.net> nº 43, Enero 2026; ISSN: 1698-4404.